

uma mensagem  
através da vedação  
doug gold

Tradução de Pedro Carvalho e Guerra

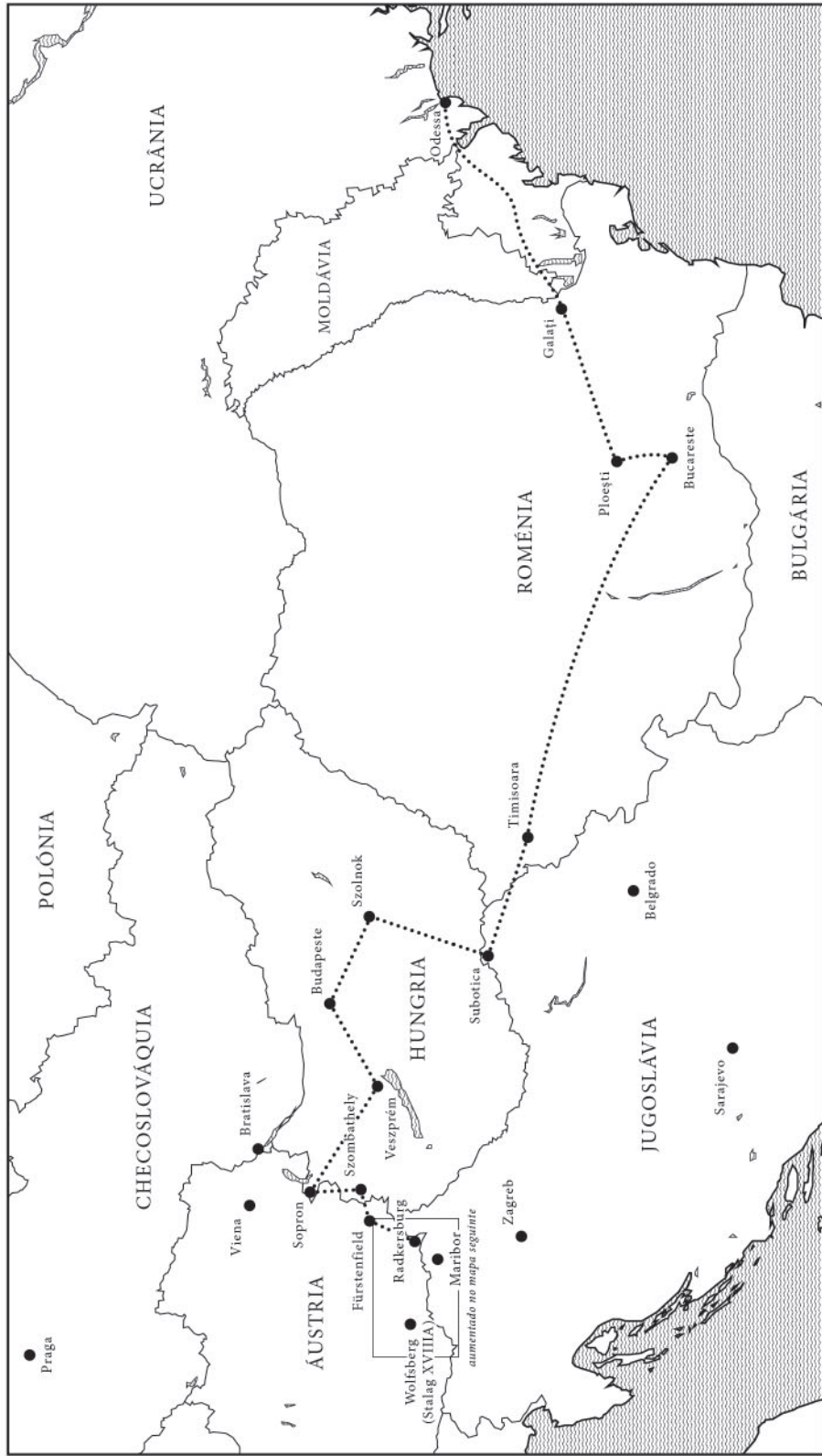
*Em memória de Bruce Murray e Josefina Lobnik,  
que encontraram o amor no meio de um conflito sangrento*



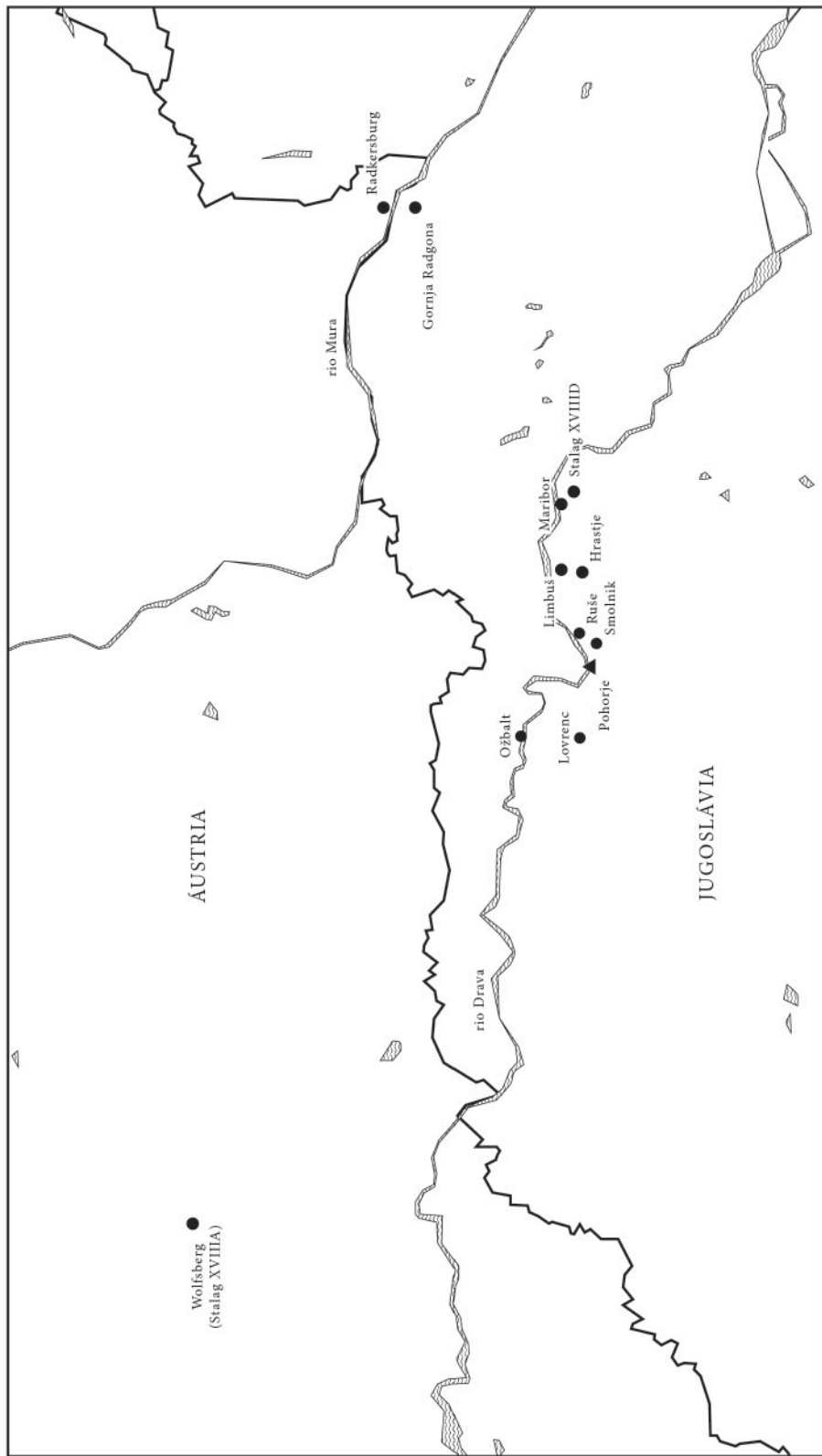
# Índice

<b>Mapas</b>	10
<b>Capítulo Um:</b> Bruce, Stalag XVIIIID, 15 de fevereiro de 1942	13
<b>Capítulo Dois:</b> Josefina, Maribor, 12 a 15 de fevereiro de 1942	18
<b>Capítulo Três:</b> Bruce, Stalag XVIIIID, 15 de fevereiro de 1942	27
<b>Capítulo Quatro:</b> Bruce & Josefina, Wellington e Maribor	33
<b>Capítulo Cinco:</b> Bruce, Cairo, fevereiro de 1940 a março de 1941	39
<b>Capítulo Seis:</b> Josefina, Maribor, abril de 1941 a janeiro de 1942	52
<b>Capítulo Sete:</b> Bruce, Grécia, março a abril de 1941	64
<b>Capítulo Oito:</b> Josefina, Maribor, janeiro a março de 1942	76
<b>Capítulo Nove:</b> Bruce, Grécia, abril a maio de 1941	84
<b>Capítulo Dez:</b> Josefina, Eslovénia de Hitler, março a agosto de 1942	97
<b>Capítulo Onze:</b> Bruce, da Grécia a Maribor, junho a julho de 1941	104
<b>Capítulo Doze:</b> Josefina, Maribor, agosto a outubro de 1942	117
<b>Capítulo Treze:</b> Bruce, Stalag XVIIIID, agosto de 1941 a abril de 1942	125
<b>Capítulo Catorze:</b> Josefina, de Maribor a Radkersburg, outubro de 1942 a fevereiro de 1943	139
<b>Capítulo Quinze:</b> Bruce, Stalag XVIIIID, abril de 1942 a abril de 1943	148
<b>Capítulo Dezasseis:</b> Bruce & Josefina, Radkersburg, março a agosto de 1943	160

<b>Capítulo Dezassete:</b> Bruce & Josefina, fronteira entre a Áustria e a Eslovénia, agosto de 1943	175
<b>Capítulo Dezoito:</b> Bruce & Josefina, Radkersburg e Gornja Radgona, dezembro de 1943 a julho de 1944	183
<b>Capítulo Dezanove:</b> Josefina, Ruše e Smolnik, agosto a setembro de 1944	196
<b>Capítulo Vinte:</b> Bruce & Josefina, Radkersburg, fevereiro a abril de 1945	207
<b>Capítulo Vinte e Um:</b> Bruce, Radkersburg para Sopron, abril de 1945	223
<b>Capítulo Vinte e Dois:</b> Bruce & Josefina, Radkersburg e Europa, abril a junho de 1945	237
<b>Capítulo Vinte e Três:</b> Bruce & Josefina, Wellington e Radkersburg, abril a setembro de 1945	249
<b>Capítulo Vinte e Quatro:</b> Bruce & Josefina, Wellington, Radkersburg e Londres, outubro de 1945 a dezembro de 1947	258
<b>Nota do autor</b>	265
<b>Agradecimentos</b>	271
<b>Apêndice</b>	273
<b>Bibliografia</b>	281



Rota de Bruce, de Radkersburg até Odessa, em 1945



Maribor e arredores



## Capítulo Um

# BRUCE, STALAG XVIIIID, 15 DE FEVEREIRO DE 1942

**E**le estava a sofrer de uma violenta ressaca. Bruce Murray demorou vários minutos a orientar-se. A cabana foi ganhando gradualmente foco — a madeira rude das paredes, as tábuas enlameadas do chão, a janela suja na porta.

Era domingo. Isso era uma coisa boa. Isso era uma coisa muito boa, tendo em consideração o estado em que se encontrava. Imaginou como seria se os guardas alemães viessem bater à porta, como faziam quase todos os dias, ordenando-lhes que se colocassem em formação para os trabalhos forçados numa qualquer fábrica eslovena, ou pior, numa das instalações ferroviárias perto do campo de prisioneiros de guerra de Maribor.

Estremeceu. Pedacos desconexos da noite anterior assaltaram-lhe a mente. Gargalhadas gritadas. A neblina do fumo, claro. O ardor, que lhe levava lágrimas aos olhos, do álcool caseiro — uma poção infernal que os rapazes tinham preparado em segredo a partir de batatas roubadas e açúcar acumulado, tanto quanto conseguiu perceber.

Lofty. Foi isso. Era o vigésimo primeiro aniversário de Lofty Collier, e isso parecera o suficiente para fazerem aparecer a bebida. Bruce já tivera ressacas antes, mais do que queria pensar, mas aquela era infernal. Parecia que um martelo pneumático lhe abria um buraco nas fontes e que tinha a língua coberta por uma camada de cimento que a colava ao céu da boca. E, agora, sentia as entranhas às voltas.

Gemeu.

O estado de espírito variara consideravelmente ao longo da noite.



Primeiro, houvera hilaridade — piadas, risos e boa camaradagem. Depois assumiu uma toada mais dura, à medida que o mais recente ultraje cometido por um ou outro guarda ia irritando os homens. Inevitavelmente, tornou-se sentimental, quando foram partilhadas histórias e recordações de casa. Perto da meia-noite, tinham-se reunido, e haviam começado a cantar. Algum tempo e várias canecas de estanho de grogue depois, a alegria tinha-os invadido a todos de novo, enquanto várias gargantas roucas se uniam para entoar o coro de «Auld Lang Syne»<sup>1</sup> — soava mais como «Old Lands Shine» na sua interpretação. Houve lágrimas. Bruce talvez tenha derramado algumas.

Depois disso, não se lembrava de grande coisa.

Mas a cabana fedia. A sua camisa fedia. Ele fedia. Tinha de sair dali.

Bruce ergueu-se até se conseguir sentar e deslizou as pernas para fora do beliche, o áspero cobertor cinzento deslizando para o chão. A cabana andava às voltas, e Bruce arrotou ominosamente. Recompondo-se, saltou para o chão, afastou os olhos do turvo pedaço de espelho, enfiou as botas, vestiu o sobretudo e cambaleou até à porta. Uma corrente de ar gelado saudou-o quando a abriu, e ele semicerrou os olhos contra o brilho da neve. Talvez, pensou, sentar-se sob o vento gélido o purificasse, o purgasse das consequências tóxicas da noite anterior. Sentou-se pesadamente na caixa da Cruz Vermelha de pernas para o ar, onde se sentava por vezes, quando o tempo estava mais quente, envolveu-se no seu casaco e perguntou-se se um cigarro o faria sentir-se melhor ou pior.

Foi aí que Frank Butler o encontrou.

— Levanta-te, preguiçoso — disse Frank.

— Vai-te lixar, Frank — respondeu Bruce.

— Vamos, Brucie. Levanta o cu daí. Vamos dar uma volta, desentorpecer as pernas.

Frank agarrou no braço de Bruce e fê-lo levantar-se. Era sua rotina, aos domingos, dar um passeio pelo perímetro de Stalag XVIII D: em parte pelo exercício, em parte porque lhe dava mais uma oportunidade para provocar os rufias com tiradas tão afiadas como o arame farpado que os rodeava, acima de tudo para aliviar o tédio implacável.

— Cor, estás com um aspeto pavoroso — disse Frank, fitando-o de

---

<sup>1</sup> A canção «Auld Lang Syne» teve a sua origem na Escócia, baseada num poema, de 1788, da autoria de Robert Burns. Os escoceses começaram por cantá-lo na noite de Ano Novo, como despedida dos «velhos tempos», um hábito adotado por outras partes das Ilhas Britânicas, tendo sido levado pelos seus habitantes para as colónias britânicas espalhadas pelo mundo. Parte da letra é, ainda hoje, cantada em língua escocesa. (*N. do T.*)

esguelha. Os insultos eram a imagem de marca das suas conversas, mas Frank estava a falar a sério. Àquela hora da manhã, normalmente Bruce já estava lavado, o cabelo penteado e alisado, e teria feito os possíveis por limpar as roupas. Mas não hoje.

Bruce teve de recorrer a todas as suas forças para não grunhir em resposta.

Avançaram num silêncio afável, com mais de dois centímetros de neve fresca a ranger sob as solas das suas botas. A escuridão que os cobria tornou-se um pouco mais fina e a luz mais forte. Era uma verdadeira agonia para os olhos congestionados de Bruce. Fechou-os com força e cerrou os dentes.

— Olá — sussurrou Frank baixinho ao seu lado. — O que temos aqui?

Bruce abriu os olhos.

Estavam a menos de trinta metros de um ponto na vedação do perímetro sul que ficava fora da linha de visão direta dos guardas nas torres de vigia. Uma figura erguia-se, imóvel, do outro lado da vedação — algo corajoso e desesperado de se fazer, escusado será dizê-lo, pois os guardas não encorajavam propriamente a interação entre os habitantes locais e os prisioneiros do campo. Era uma velha, tendo em conta as suas roupas — envergava um vestido de lã informe e um xaile tricotado de franjas pretas.

A sua presença ali era algo fora do comum, algo que se destacava na monotonia da vida no campo.

— Anda — disse Bruce. — Vamos ver o que ela quer.

Frank olhou cautelosamente à sua volta. Não havia guardas à vista, mas isso significava pouco. Podia aparecer um rufia a qualquer momento.

— É melhor não — disse. — Dão-te um tiro se te virem.

— Nah — disse Bruce. — Ela não vai provocar problemas.

A ressaca tinha abrandado um pouco. Bruce recuperara a vontade de viver.

Frank ficou onde estava. Bruce aproximou-se rapidamente da vedação. Ao contrário da maior parte dos campos de prisioneiros de guerra, que tinham duas vedações em redor do perímetro, uma no interior e outra separada por perto de dez metros de terreno morto, Stalag XVIIIID tinha sido uma caserna do exército esloveno e estava rodeada apenas por uma vedação alta, de arame farpado. Apesar dos perigos, os locais trocavam ocasionalmente artigos — ovos, pão, luvas de lã — pelos luxos raros, como a carne enlatada ou as barras de chocolate incluídas nas caixas da Cruz Vermelha.

A mulher observou-o enquanto se aproximava. Curvada e informe, recordava a Bruce a velha Sis Moore que costumava aterrorizar os miúdos do bairro quando ele estava a crescer. Dizia-se que espancava — e até comia — os miúdos que entrassem na sua propriedade.

— Olá — disse ele quando se aproximou da vedação, e sorriu. Ela avançou e estendeu para ele a mão. O sorriso dele diminuiu, quando cruzou os seus olhos com os dela, verdes e inconfundivelmente jovens sob a franja do xaile.

— *Bitte* — disse ela. — *Bitte hilf mir*.

Ela disse mais — algumas frases numa voz baixa, urgente, a voz de uma mulher jovem —, mas Bruce não falava alemão. Compreendeu o pedido de ajuda, mas não o resto. Abanou a cabeça.

— Lamento — disse, mas parou. O olhar dela tinha deslizado para lá do seu ombro, e os olhos (olhos lindos, apercebeu-se) abriram-se um pouco mais.

— *Bitte* — repetiu, e passou a mão pelo arame uma vez mais. Bruce estendeu a sua mão e sentiu os dedos dela a empurrarem contra os seus um pedaço de papel. Depois ela desapareceu. Um outro observador poderia ter imaginado que estavam a testemunhar um milagre, quando a velha se endireitou, levantou as saias do vestido e partiu como uma gazela pela suave encosta em direção às árvores a cerca de cem metros de distância.

— *Halt!*

Bruce virou-se e viu um dos guardas passar por Frank a passos largos, puxando o travão da espingarda. O guarda acenou a Bruce para que saísse do caminho, mas este manteve-se firme. O guarda deu um passo à esquerda para tentar obter uma linha de fogo desimpedida, Bruce deu um passo à direita para a bloquear.

— *Halt!* — gritou o guarda uma vez mais, a voz a estalar de raiva.

— Corra! — gritou Bruce, continuando a olhar para o guarda. — Mais depressa!

Os cães começaram a ladrar, um som selvagem, violento. O guarda tentou passar por Bruce, mas Bruce baixou o ombro e empurrou-o. Em vez de disparar contra a rapariga que fugia, o guarda virou-se para Bruce. O seu rosto estava branco de raiva e cuspiu qualquer coisa em alemão. Bruce sorriu-lhe. O guarda apontou-lhe a espingarda, mas quando Bruce não se mexeu, baixou-a, alterou a posição das mãos e bateu-lhe com a coronha. Bruce contorceu-se e o golpe acertou-lhe na zona lombar.

— Sacana! — disse.

Estava a sentir-se plenamente vivo, agora, a sua ressaca completamente desaparecida. Ele e o guarda fitavam-se mutuamente, a respiração enchendo o ar entre eles de vapor. Ao fim de alguns momentos, o guarda praguejou, cuspiu para o chão e partiu, determinado, Bruce não tinha qualquer dúvida, em arranjar-lhe problemas.

Voltou para junto de Frank.

— Ela conseguiu? — perguntou.

— Não sei. Ia a correr a toda a brida. Deu um trambolhão de todo o tamanho antes de chegar às árvores. Deve ter-se aleijado. Rastejou durante o resto do caminho. Está feita se soltarem os cães.

Os cães continuavam a ladrar. Mas, enquanto Frank e Bruce retomavam o seu caminho aparentando descontração, o rosnar começou a diminuir. Alguém gritou aos animais em alemão. Passado um minuto ou dois, o campo ficou em silêncio.

— Bem, valeu a pena levaraes porrada? — perguntou Frank. — O que te deu ela?

Bruce abriu sub-repticiamente a mão para mostrar o papel a Frank.

— Foste roubado — disse Frank.

Bruce não o disse, mas continuava entusiasmado com o encontro. Quanto mais não fosse, era algo fora do comum. E a sua ressaca estava curada.

## Capítulo Dois

# JOSEFINE, MARIBOR, 12 A 15 DE FEVEREIRO DE 1942

**N**o dia em que tudo mudou — 12 de fevereiro de 1942 — Josefina Lobnik estava a percorrer as ruas da parte velha de Maribor em direção à *ulica* Vetrinjka, afetando inocência. Estava vestida à típica maneira eslovena: uma saia preta de cintura alta que lhe chegava aos tornozelos, uma blusa bordada branca e um casaco forrado com seda vermelha. Um lenço de cabeça com uma franja de renda escondia o belo cair do seu cabelo negro e, escondido no forro do casaco, seguiam os documentos que transportava de um grupo de guerrilheiros para outro.

Enquanto se aproximava da *trg* Glavni — como a maioria dos eslovenos, recusava-se a chamar à praça da cidade Adolf-Hitler-Platz, como os ocupantes nazis tinham decretado —, surgiram, de súbito, soldados alemães por todo o lado. Sentiu a respiração ficar presa na garganta. Os documentos que transportava consigo não só garantiriam que seria executada, caso fossem encontrados, como poderiam conduzir, muito provavelmente, ao desmascarar de dezenas de outros patriotas eslovenos.

Os soldados usaram as espingardas para reunir toda a gente no pátio central. Inicialmente Josefina pensou que estava prestes a ser detida e revistada, mas mal entrou na praça, apercebeu-se do que se estava a passar.

Vinte pessoas erguiam-se num grupo apertado no extremo mais distante da praça. A neve que caía dos beirais de Rotovž, o grandioso edifício da Câmara de estilo renascentista, acumulava-se nos ombros dos seus casacos. A neve caía dos céus carregados e suavizava os contornos da casa Ludwigshof e de outros edifícios de telhados íngremes que flanqueavam a praça; devia

ter sido uma cena muito bela. Mas os soldados alemães nos seus uniformes cinzentos mantinham-se de guarda em cada saída e muitos outros seguravam contra si as metralhadoras ligeiras a alguns passos dos vinte cativos.

Uma onda de horror varreu a multidão à medida que, como Josefine, as restantes pessoas se apercebiam do que estavam prestes a testemunhar. Os soldados estavam a forçar os homens e as mulheres a formarem uma linha grosseira, e gritos de angústia erguiam-se da multidão enquanto os elementos do público iam reconhecendo os rostos. Josefine viu quatro pessoas conhecidas. Todos conheciam o baixo e atarracado Miljenko. Ninguém sabia o apelido, mas todos conheciam o seu rosto inchado, corado, com o nariz bulboso de veias azuis. Andava sempre algures pelo centro de Maribor, dormindo na entrada de uma casa ou percorrendo as ruas, invariavelmente rodeado pelo cheiro das bebidas baratas.

Josefine também reconheceu Franc Gudek, um amigo do pai. Franc estava na casa dos setenta, guarda-livros de profissão, mas já reformado, um homem discreto, de modos calmos, com olhos tristes, flácidos, ombros estreitos e baixos, um sorriso sem alegria, de lábios finos e cabelo ralo branco como neve. Tinha um lábio que lhe tremia permanentemente e um tique descontrolado no olho esquerdo, cujo efeito combinado fazia parecer que estava perpetuamente à beira das lágrimas.

E, com choque, Josefine reconheceu dois dos irmãos Milavec: Albin e Marjan. Albin tinha dezoito anos, a mesma idade de Josefine; Marjan era um ano mais novo. Eram ambos altos e de estatura fina, Marjan de cabelo castanho escovado para trás e Albin de fartos caracóis negros divididos por um risco ao meio. Josefine frequentara algumas das mesmas aulas de Albin na escola. Não o conhecia bem, mas ele era estudioso e sempre fora educado com ela — certamente não era o tipo de se meter em brigas no pátio da escola. Tanto quanto Josefine sabia, não fizera mal a ninguém.

— Albin — arquejou. — Porquê tu?

Um homem que se encontrava próximo olhou para ela de relance.

— Por motivo nenhum — disse ele. — Podia ter sido qualquer pessoa. Podia ter sido a menina ou eu. Foi por causa do que aconteceu ali.

Ele apontou com o polegar na direção de Pohorje, as montanhas que se erguiam a oeste da cidade. Josefine sabia melhor do que muitos que, alguns dias antes, os guerrilheiros tinham emboscado uma patrulha nazi nas encostas arborizadas. Os guerrilheiros fracamente equipados não deviam estar à altura daquele exército disciplinado e das suas armas modernas, mas o conhecimento do terreno irregular concedia-lhes uma vantagem decisiva, em especial no inverno quando a neve acumulada pelo vento, profunda e enganadora,

tornava as condições ainda mais difíceis. Na curta e contundente refrega que se seguiu, quatro alemães tinham sido mortos. As vítimas guerrilheiras eram duas — ambos feridos, nenhum deles com gravidade —, pelo que foi num silêncio triunfante que regressaram ao recesso das montanhas e à segurança da sua própria base, bem escondida. O desejo de celebrar, em determinados círculos clandestinos de Maribor, tinha sido temperado com uma sensação de mau presságio, porque todos sabiam que o comandante das forças ocupantes tinha emitido uma diretiva que determinava que deviam ser tomadas cinquenta vidas eslovenas por cada vida alemã. Por uma questão de conveniência mais do que de clemência, era um grupo mais pequeno, de vinte eslovenos, que se alinhava na *trg* Glavni. As vítimas tinham sido escolhidas aleatoriamente; tratavam-se simplesmente dos primeiros vinte eslovenos que o esquadrão da morte nazi tinha visto enquanto percorriam a praça. O dia começara, para eles, como qualquer outro — a comprar pão, a cuidar das suas tarefas, a passearem os cães e, no caso de Miljenko, a beber vinho — mas, agora, estava prestes a terminar com a morte. Meia hora mais cedo e Josefina podia ter sido apanhada na rede dos carrascos.

— Mas eles nem sequer são guerrilheiros — disse Josefina, lançando em seguida um olhar assustado ao homem, apercebendo-se do que podia ser lido naquilo que dissera.

Ele acenou com a cabeça.

— A ideia é essa — disse sombriamente.

Quatro das vítimas, incluindo Franc e Albin, fitavam os seus executores sem outra coisa senão despeito e desafio nos seus olhos. Quando muito, as feições de Franc tinham-se tornado mais firmes; Josefina não podia deixar de pensar que tinha subestimado a sua coragem. Quase não conseguia olhar para o pobre Albin.

Um oficial alemão tentava falar, mas a sua voz era abafada pelos uivos da multidão. Estava a ficar cada vez mais frustrado. Ouviu-se um arquejo quando dois dos vinte caíram, e os que se encontravam ao seu lado os içaram de novo, mantendo-os eretos, com os braços a envolver-lhes as cinturas.

Alguém pediu que fosse chamado um sacerdote para administrar a extrema-unção, e o pedido foi assumido pela multidão. Os apelos foram ignorados. Depois, subitamente, uma das vítimas ergueu a sua voz. Estava carregada de medo, mas também de desafio.

— *Naš Oče, ki je v Nebesih...* Pai Nosso, que estais no Céu...

Os vinte deram as mãos uns aos outros. A multidão aquietou-se momentaneamente, depois juntou-se ao coro das vítimas que recitavam a oração do Senhor. Até Miljenko, constantemente embriagado e que se considerava ser,

além disso, algo simplório, parecia perceber o que estava prestes a acontecer. Endireitou os ombros e balbuciou com os outros.

Antes do fim da oração, uma das mulheres que se erguia na fila tombou, deslizando para o chão apesar dos esforços dos que se encontravam ao seu lado para a manterem erguida. Ouviu-se o som seco dos disparos. Josefine nem sequer ouvira a ordem para disparar. Um gemido ergueu-se da multidão. Centenas de pombos irromperam dos recantos e fendas dos velhos edifícios de pedra que enquadravam a praça e levantaram voo, como almas sobressaltadas. Uma mancha de cor carmesim deslizava sobre a neve meio derretida debaixo da pilha desorganizada de corpos.

Com movimentos deliberados, sem pressas, o comandante nazi retirou do coldre a sua pistola *Walther P38* e aproximou-se da mulher que tinha desmaiado; esta jazia agora, gemendo, no chão. Apontou cuidadosamente e disparou duas balas à sua cabeça. Os gritos da multidão estavam escorados por murmúrios sombrios. Talvez, refletiu Josefine tristemente, Adolf-Hitler-Platz sempre fosse um nome mais adequado.

— Rafeiros — sussurrou.

— Sim — disse o homem que se erguia ao seu lado. — Acham que assim nos assustam para que não apoiemos os guerrilheiros. — O homem cuspiu no chão. — Fariam bem em pensar duas vezes.

Com exceção de uma mão-cheia de pessoas que tentavam avançar em direção aos corpos — e que eram afastadas sob ameaça de arma de fogo —, a multidão começou a afastar-se. Josefine deixou-se levar. O seu choque entorpecido inicial tinha sido substituído por uma raiva selvagem, irrefletida. Um soldado alemão de expressão assustada encontrava-se numa das saídas da praça, e ia sendo empurrado de um lado para o outro pelas pessoas que por ele passavam; Josefine cuspiu-lhe ao passar.

— Espero que ardam no inferno! — gritou, mas a imprecisão perdeu-se por entre outras mais ruidosas que iam sendo lançadas por outros.

Qualquer ideia que alimentara de terminar a sua missão tinha desaparecido. Os documentos permaneciam na segurança do bolso secreto do seu casaco, mas embora tivesse partido naquela tarde sentindo que estava a fazer o seu papel para desafiar a ocupação, agora parecia-lhe muito pouco. Jurou que faria tudo o que estivesse ao seu alcance — sacrificando a vida, se necessário — para livrar o país dos vermes nazis.

Enquanto atravessava a ponte para sua casa, na pequena aldeia de Limbuš, sentiu um arrepio súbito e violento. Estava a chegar à sua porta; tudo estava a chegar à sua porta pela primeira vez. Quando o irmão Polde fora detido, dez dias antes, sentira a certeza de que ele estava em segurança. Em cativo,



mas em segurança. Tinha ouvido rumores das execuções sumárias — jovens homens e mulheres arrastados para os bosques que rodeavam a cidade e fuzilados — mas tinha duvidado deles ou, se queria ser sincera consigo mesma, recusara-se a enfrentar a verdade. Como os outros horrores da guerra, parecia demasiado remoto. Agora, depois do que tinha testemunhado na *trg* Glavni, tudo, até o pior, era súbita e terrivelmente possível.

À medida que se aproximava de casa, começou a correr, mais devagar de início, depois mais depressa, como se o horror a perseguisse de perto. Enquanto atravessava explosivamente a porta de casa, já não lhe era possível conter os soluços.

A irmã mais velha, Anica, surgiu à porta da cozinha.

— O que se passa, Pepi? — perguntou, tratando Josefina pela alcunha que a família lhe dera. — O que aconteceu?

Josefina abanou a cabeça, incapaz de falar. Anica tomou-a nos seus braços e acariciou-lhe o cabelo.

— O que foi? — repetiu passado um minuto ou dois, durante os quais Josefina soluçara. A voz de Anica tinha o tom monocórdico, sem expressão, que havia adquirido desde que ela reaparecera depois de uma ausência inexplicada algumas semanas antes. Era a voz de alguém que tinha estado cara a cara com o terror e que esperava reencontrá-lo.

— Anica — sussurrou Josefina. — Mataram o Franc. Franc Gudek. Deram-lhe um tiro, e aos outros. Albin, Marjan...

Não conseguiu continuar.

— Albin? O rapaz dos Milavec? — perguntou Anica.

Josefina acenou com a cabeça.

— E o irmão Marjan.

— Isso é trágico. Eram tão jovens. E o pai vai ficar devastado — prosseguiu Anica. — O Franc era um tão bom amigo. Um bom homem. Conta-me o que aconteceu.

— Fuzilaram vinte pessoas na *trg* Glavni — arquejou Josefina. — Vinte. Deram-lhes... simplesmente um tiro.

Abanou a cabeça para se ver livre da imagem que se seguia: os montes pretos de corpos com a mancha que se entranhava por baixo deles. O estalo da pistola: uma vez, duas. O movimento espasmódico das pernas da mulher. Josefina já tinha visto cadáveres antes — o costume entre os católicos eslovenos era fazer o velório aos mortos em caixões abertos — mas nunca vira ninguém morrer, e muito menos uma morte violenta.

Anica estava em silêncio, os seus braços a envolver Josefina, uma mão acariciando-lhe mecanicamente o cabelo.

— Polde — conseguiu Josefine dizer. — Então e o nosso querido irmão?  
— Temos de esperar pelo melhor. — Anica recitava o mantra da família, mas não havia conforto na sua voz. Manteve o silêncio por um momento. Depois disse, quase para si mesma: — Nada os fará parar, a estes animais. Assassinariam cada um de nós sem pensar duas vezes. Para estes porcos, a vida eslovena nada vale.

Josefine já tinha ouvido outros dizer o mesmo, mas pela primeira vez sentia por si mesma a verdade daquelas palavras.

Na manhã depois da *trg* Glavni, Josefine atravessou a ponte para Maribor de novo. Desta feita, encontrou-se com o seu contacto e entregou-lhe os documentos. Depois deu início à busca pelo irmão. Alguém, tinha decidido durante a noite longa e insone, tinha de saber alguma coisa.

Conversou com os velhos amigos de Polde para o caso de eles terem alguma informação. Conversou com pessoas que frequentavam os seus poisos habituais. Azucrinou os seus contactos junto do movimento guerrilheiro e até falou com pessoas que ela sabia terem sido detidas pelos nazis e libertadas. Várias pessoas estavam conscientes de que Polde fora capturado — era o tipo de notícia que se espalhava rapidamente — mas ninguém sabia muito acerca das circunstâncias, e ninguém fazia a mínima ideia do que lhe acontecera. A melhor amiga de Josefine, Jelena Kunstek — Jelka —, trabalhava nas limpezas noturnas do *Kommandantur*, o gabinete administrativo alemão, e tinha frequentemente acesso a informações que passava à resistência, mas nem mesmo ela conseguia encontrar nada digno de nota acerca do destino de Polde.

Engolindo em seco o seu desagrado, Josefine chegara mesmo a abordar uma conhecida do pré-guerra que desconfiava ser uma colaboradora, mas a mulher também nada ouvira.

O melhor que alguém podia oferecer eram teorias. Talvez Polde tivesse sido enviado para norte, para a Áustria, ou para leste, para a Alemanha, onde corriam rumores de que os campos estavam a ser reconfigurados para receber dissidentes «reinstalados»? Talvez estivesse a definir numa das prisões locais, como a que existia por baixo do castelo de Maribor? Isso significaria, muito provavelmente, que estava a ser torturado; Josefine não suportava acreditar que tal fosse verdade. Nenhum daqueles com quem falava emitia a outra possibilidade, que ela não se atrevia a contemplar: a de que o corpo de Polde jazia numa campa pouco profunda algures no meio da floresta. Mas, ainda assim, pairava, silenciosa.

A única centelha de esperança proveio de um homem com ligações aos guerrilheiros e que tinha amigos que eram frequentemente chamados a realizar reparações em Stalag XVIIIID, o campo de prisioneiros de guerra nos arredores de Maribor. Josefina sabia que os eslovenos eram metidos no complexo leste e perguntou se seria possível realizar ali as suas buscas, mas o homem abanou a cabeça.

— Os meus amigos nunca vão até lá. E também não é possível falar com os prisioneiros a partir do lado de fora. O complexo eslavo está fortemente armado. Jamais se conseguirá aproximar dele.

Vendo o rosto de Josefina, prosseguiu.

— A sua melhor hipótese para descobrir se o seu irmão está lá seria contactar alguém que perguntasse a um dos prisioneiros ingleses. Talvez estes consigam descobrir algo acerca dos eslavos.

— Como hei de eu falar com os ingleses? — perguntou Josefina ansiosamente.

— As pessoas dirigem-se lá, ocasionalmente, para comerciar — respondeu. — Há um ponto da vedação que os guardas não patrulham com muita frequência. — Fez uma pausa. — Disse «eu». Não está a pensar em tentar fazer isto sozinha, pois não? É demasiado perigoso.

— Claro que não — mentiu Josefina. — Era uma maneira de dizer.

Josefina tinha ficado a saber que os prisioneiros ingleses, que eram normalmente enviados para trabalhar fora, ficavam confinados ao campo aos domingos. E, dado que se tratava de um dia de descanso, era encarado, por aqueles que se atreviam a levar contrabando para Stalag XVIIIID, como o dia mais seguro, dado que também os guardas pareciam relaxar um pouco.

Assim sendo, no domingo, Josefina mantinha-se, trémula, sob os beirais da floresta de pinheiros no fundo da encosta que conduzia à vedação de arame farpado que rodeava o campo. Estava vestida como uma velha — o seu disfarce habitual quando partia para fazer recados em nome da resistência de Maribor — mas os seus rudes fatos de lã não tinham capacidade para lutar contra a brisa fina que os trespassava diretamente.

Sentia o estômago às voltas. Sabia que os alemães disparavam de imediato sobre alguém que agisse de um modo suspeito perto da vedação — ou, o que era quase tão mau, lançavam os cães no seu encalço. Correria já muitos riscos nas suas missões em Maribor, mas o perigo sempre lhe parecera abstrato. Agora, com a memória do dia de terror na *trg* Glavni ainda fresca na sua mente e o vislumbre ocasional dos guardas de espingardas ao ombro, a patrulhar o campo, tudo se tornara muito real.

Por duas vezes tinha conseguido reunir coragem para sair do seu esconderijo e correr para a vedação, mas eis que surgira um guarda e ela fora obrigada a refugiar-se de novo por entre as árvores, com o coração a bater veloz. Ocorreu-lhe que talvez devesse desistir da sua busca, mas o bilhete que tinha no bolso fê-la ficar. Por fim, depois de um guarda ter percorrido ociosamente a vedação e desaparecido na esquina de um edifício, inspirou fundo e obrigou-se a avançar.

Foram os quase cem metros mais compridos que alguma vez percorreria. Quando chegou ao arame farpado, não estava ali ninguém. Era como se o campo estivesse a dormir. Não tinha contado com aquilo. Presumira que haveria alguém a quem pudesse passar o bilhete de imediato e, depois, fugir. Em vez disso, fora obrigada a ficar ali, sentindo-se tão visível como se estivesse nua.

Por fim, dois homens entraram no seu campo de visão, ambos envergando uniformes que não lhe eram familiares. Calculou que fossem ingleses. Um deles viu-a e parou. O outro ergueu os olhos de relance.

Depois de um momento, o segundo homem aproximou-se dela.

— Por favor — disse ela em alemão, estendendo-lhe o bilhete. — Por favor, ajude-me. Os nazis levaram o meu irmão e achamos que poderá estar aqui prisioneiro. Está desaparecido há duas semanas.

Ela olhou-o diretamente no rosto. Estava por barbear e tinha os olhos congestionados, havendo ainda algumas manchas de aspeto dúbio na sua camisa. Viu-o reagir ao vislumbre que conseguiu do seu rosto: a mão dele avançando instintivamente para o cabelo — um gesto estranho, tendo em consideração como este estava oleoso e despenteado.

*Homens, pensou. A única coisa em que conseguem pensar é na impressão que deixam nas mulheres.*

— Por favor, ajude a minha família a descobrir o que lhe aconteceu — disse.

O homem começou a falar em inglês, mas um movimento para lá dele chamou a atenção de Josefina — um relampejo de cinzento. Um soldado alemão.

Passou a mensagem através da vedação e o homem aceitou-a. O soldado gritou, ela virou-se e correu, esperando levar um tiro a qualquer momento. A sua respiração era rouca, curta e assustada, magoando-lhe a garganta. As árvores não pareciam estar a aproximar-se mais.

Houve um grito, e depois outro. Ainda assim, não ouviu nenhum tiro. Estava a quase vinte metros das árvores. Os cães ladravam e ela sentia-se tomada por um medo ancestral, primitivo. Nesse preciso momento, o seu

pé prendeu-se em qualquer coisa — uma pedra, a raiz de uma árvore, um buraco no chão — e a perna torceu-se dolorosamente. Gritou e inclinou-se para a frente. O seu joelho ardia. Tentou voltar a levantar-se, mas o joelho recusou-se a suportar o seu peso. Arrastou-se freneticamente em direção às árvores.

*Por favor, pensava. Por favor. Os cães não.*

## Capítulo Três

# BRUCE, STALAG XVIII D, 15 DE FEVEREIRO DE 1942

**D**e regresso à sua cabana, Bruce e Frank estudaram o bilhete, escrito numa letra cursiva inclinada para a esquerda.

— Que linguagem é essa? — perguntou Frank.

— Boche, de certeza — respondeu Bruce, espreitando míope para a mensagem.

— Ah. O Taffy fala boche. Podias perguntar-lhe.

— Porquê alemão? — perguntou-se Bruce. — Aqui falam esloveno. Será uma armadilha?

Partiram em busca de Taffy, um galês simpático que tinha sido levado para o campo alguns meses antes.

— Está em boche — explicou Bruce. — Mas pergunto-me porque não estará em esloveno.

— Não é de surpreender — respondeu Taffy. — Estava a falar com um deles para aquelas bandas. — Acenou em direção à parte segregada do campo onde eram mantidos os prisioneiros eslovenos, juntamente com os russos, polacos e outros não britânicos ou de nacionalidades da Commonwealth. — Ao que parece, esta parte do mundo já foi austríaca. A fronteira austríaca fica a poucos quilómetros. Todos falam alemão, também. Suponho que pensassem que não seríamos capazes de perceber uma mensagem escrita em esloveno.

— Nisso tinha razão — disse Bruce. — Então o que diz?

— *Por favor, ajudem* — leu Taffy. — *Estou à procura do meu irmão Leopold Lobnik, também conhecido como «Polde», de Limbuš, que desapareceu*

*há duas semanas. Poderiam, por favor, descobrir se é prisioneiro deste campo? Regressarei à vedação à mesma hora no próximo domingo.*

— É tudo?

— É tudo — disse Taffy.

— Foste roubado — repetiu Frank.

O Complexo Leste era um espaço terrível. Bruce sentiu pena de Polde, se de facto ali estivesse. Os guardas odiavam os prisioneiros de guerra da Europa de Leste e tratavam-nos com um claro despeito. A comida — a pouca que havia — não era adequada a um porco, as roupas andrajosas pendiam soltas das suas estaturas emaciadas como lençóis rasgados e imundos que se agitassem em redor de espantalhos. Por comparação, os prisioneiros que falavam inglês tinham uma vida de luxo. Qualquer tentativa de confraternizar ou comunicar com os eslavos era rapidamente impedida, por norma com a coronha da espingarda, um golpe de bastão ou um tiro de aviso disparado perigosamente perto. O castigo era ainda pior para os eslavos.

Ainda assim, quando se sentiu certo de que ninguém o observava, Bruce aproximou-se do arame farpado que os dividia do Complexo Leste, captando a atenção de um prisioneiro escanzelado do outro lado, e pronunciando cuidadosamente a ensaiada frase em russo.

— *Ty govorish po-angliyski?*

Foi o melhor que conseguiu arranjar quando lhe perguntou se alguém sabia a frase eslovena para «Falas inglês?». Os linguistas do campo garantiram-lhe que as línguas eslavas eram bastante próximas e que os eslovenos compreenderiam o russo.

O primeiro prisioneiro baixou o rosto e afastou-se da vedação, como um ou dois outros. Ninguém parecia querer fitá-lo nos olhos. Repetiu a frase, uma, duas, três vezes. O melhor que conseguiu da turba do outro lado foi um ou dois olhares vazios, bovinos, e um só abanar de cabeça.

Estava prestes a desistir quando uma figura esquelética abriu caminho por entre os outros. Tinha uma ferida irregular rudemente cosida que se estendia da testa ao maxilar de um dos lados do rosto e um nariz torcido numa posição que não era natural.

— Eu falar inglês pouco — disse, aproximando-se da vedação de arame farpado.

Bruce abriu a boca para falar, mas ouviu um grito atrás de si. Girou sobre si mesmo, enfiou as mãos nos bolsos e começou a afastar-se do arame farpado, mas uma mão agarrou-o pelo ombro e fê-lo dar meia-volta. Estava prestes a

retaliar quando o objeto de madeira — pareceu a Bruce o cabo de uma picareta — o atingiu na cana do nariz. Caiu de joelhos, mas levantou-se tão depressa quanto conseguiu, cambaleando para trás com as mãos a tapar o rosto de modo a afastar quaisquer outros golpes. Não houve outros, mas uma torrente de palavras alemãs enfurecidas seguiu-o enquanto ele se afastava. Outros gritos erguiam-se da direção do Complexo Leste. Bruce estremeceu ao pensar no que poderia acontecer ao homem com quem tinha falado. Apertou o nariz com as mãos para tentar estancar o sangue e, pela milionésima vez, desde que chegara ao campo, praguejou contra os alemães.

Durante os dois dias que se seguiram, Bruce aproveitou todas as oportunidades que conseguia encontrar para pairar próximo da vedação de arame farpado do Complexo Leste. Ao terceiro dia, voltou a ver o homem da cicatriz. Quando ambos se asseguraram de que não havia guardas por perto, aproximaram-se da vedação.

— Bruce — disse Bruce, encostando a mão à vedação.

— Brush — repetiu o outro, colocando a mão do lado oposto da de Bruce. — Kristian — disse ele, apontando para o peito, embora a sua voz fosse tão baixa e a sua pronúncia tão cerrada que a Bruce pareceu que podia ser «Kristof».

— Sabes se Leopold ou Polde Lobnik está convosco? — perguntou lentamente.

— O que querer, Brush? — respondeu o esloveno, claramente incapaz de compreender a pergunta.

— Polde Lobnik — repetiu Bruce, articulando cuidadosamente as palavras de modo a garantir que as pronunciava corretamente.

— Pula Lobec?

— Não. Polde Lobnik — reiterou Bruce, realçando o D e o N.

— Ah, Lobnik — respondeu o esloveno. — Eu procurar — disse ele, e partiu.

Três dias depois, no sábado, o dia antes do regresso prometido da rapariga, Bruce viu o esloveno próximo da vedação e acercou-se. Era difícil compreender exatamente o que Kristian (ou Kristof) estava a dizer, mas percebeu que alguns dos eslovenos do campo conheciam Polde Lobnik. Mas ninguém sabia onde ele estava ou o que lhe havia acontecido.

— *Spasibo* — disse ele. O esloveno acenou educadamente, e ele e Bruce embrenharam-se nas respetivas multidões.

\* \* \*